



SENTIDOS DA LEITURA E ESCRITA DE DOIS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS NOS CONTEXTOS BRASILEIRO E MOÇAMBICANO

MEANINGS OF READING AND WRITING OF TWO ADULT LEARNERS IN THE BRAZILIAN AND MOZAMBICAN CONTEXTS

SANTOS, Josilene de Souza¹
JULIASSE, Arlindo Cornélio Ntunduatha²

RESUMO

O trabalho retrata as histórias de vida de João e Vicente, sujeitos entrevistados nas pesquisas de mestrado e doutorado, pondo em destaque os sentidos da escrita e da leitura na vida cotidiana e escolar. João, oriundo de uma família humilde da Paraíba, só no ano de 2011, pela primeira vez, começou a estudar. Vicente, oriundo de Mogovolas, Província de Nampula, região norte de Moçambique, falante de suas línguas maternas, mas alfabetizado na utilizada como instrumento unificador, a Língua Portuguesa. Lemos as narrativas separadamente e as correlacionamos em busca de possíveis elementos de diálogo sobre práticas de leitura escrita na vida cotidiana e no espaço escolar. Por fim, consideramos relevante o trabalho por assentar-se em duas histórias de vida que representam os sujeitos atravessados por escritos que se apropriam de práticas de leitura e escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos; Sentidos da leitura e escrita; História de vida.

ABSTRACT

The work concerns of João and Vicente`s life stories, both were interviewed in their master and doctoral research, highlighting the significance of writing and reading in daily and school life. João, who was born of a humble family from Paraíba, and only in 2011, for the first time, started his studies. Vicente, native of Mogovolas, Nampula Province, northern Mozambique, speaks his native languages, but literate in the Portuguese Language, used to unify all his native languages. We separately read the narratives and correlate them in search of possible dialogue elements about reading practices written in daily life and in school space. Eventually, the work is considered relevant due to being based on the principles of two life stories that represent these men who dealt with writing, and got acquainted with reading and writing practices.

KEY WORDS: Youth and adult education; Senses of reading and writing; Life stories.

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro. e-mail: jrastoldo@yahoo.com.br

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro. e-mail: arcotha@gmail.com



INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um recorte de duas pesquisas (mestrado, já concluída e doutorado, em andamento). A de mestrado investigou práticas de leitura e escrita propostas pelo professor em uma classe de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA) – PEJA I/ Bloco II – correspondente aos anos iniciais do ensino fundamental da rede pública municipal de educação do Rio de Janeiro a fim de, relacionar práticas sociais de uso da leitura e da escrita na vida cotidiana. A de doutorado procura outros “achados” entre as concepções de alfabetização (práticas de cultura escrita) e seus sentidos, a partir das *táticas* (CERTEAU, 2012) usadas pelos sujeitos jovens e adultos oriundos de Programas de Alfabetização e Educação de Adultos (AEA) institucionalizados em Moçambique após a sua Independência e aqueles originários de estratégias de luta de libertação nacional, quando a alfabetização configurava uma “arma” de poder para os revolucionários em Moçambique.

A motivação para apresentar as histórias de vida de João e Vicente surgiu a partir do diálogo sobre a constituição dos *sentidos de leitura e escrita* na vida cotidiana e no espaço escolar dos sujeitos de nossas pesquisas. Observamos que ambos os estudos discutem sobre a formação de leitores e escritores jovens e adultos por meio de suas leituras de mundo (FREIRE, 2003) como estratégia de sobrevivência na prática social (KALMAN, 2009) e nas práticas de leitura e escrita escolares.

Destacamos que são histórias pertencentes a contextos totalmente distintos, mas que se aproximam quando verificamos as trajetórias de leitores e escritores. No contexto brasileiro, temos João que foi alfabetizado na língua materna somente na fase adulta e, no contexto moçambicano, temos Vicente, falante de suas línguas maternas, mas alfabetizado na utilizada como instrumento unificador, a Língua Portuguesa.

Para tanto, formulamos algumas questões que nos guiaram para identificar os sentidos atribuídos à leitura e à escrita: Qual o significado da leitura? E da escrita? Os sujeitos conseguem se perceber como leitores e escritores? Como? Por quê? Para que querem aprender a ler? E a escrever?

Vale ressaltar que, nossa intenção não é a de responder rigorosamente tais questões, já que não se esgotam neste texto e podem ser reformuladas a todo o momento e de acordo com os objetivos/objeto das pesquisas. Entendemos que as entrevistas não seguem “(...) uma ordem rigidamente estabelecida para as perguntas, assemelhando-se muito a uma conversa” (MAZOTTI, GEWANDSNAJDER, 1998, p. 168).

Paulo Freire, em seu livro “A importância do ato de ler”, nos presenteia com a inspiradora narração de suas memórias de alfabetização. Antes da decifração do código, o autor relembra o seu contexto social, o que designa de leitura do mundo,



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.29869

expressão característica ao longo de sua obra. Partindo dessa experiência, investigar as memórias de indivíduos tem sido prática científica quando realizada com o rigor acadêmico como fonte para o conhecimento dos processos sociais e históricos. Foi nessa perspectiva que este recorte se propôs a reconstruir os sentidos na vida de João e Vicente, que em breves relatos orais, narraram suas lembranças dos processos de aprendizado da leitura e escrita.

TRAJETÓRIA DE JOÃO: MIGRANTE “ESCRAVO”

Nesta parte, situamos o contexto brasileiro de João, oriundo de uma família humilde da Paraíba, sem oportunidade de estudar durante a infância, porque precisou trabalhar para ajudar no sustento de sua família. Aos 17 anos de idade, fugindo da casa de seus pais, veio para o Rio de Janeiro no pau de arara³ com o objetivo de buscar uma vida melhor. Porém, precisou trabalhar em regime de quase escravidão para poder sobreviver. O serviço pesado de João não o impediu de sonhar. O desejo de aprender a ler e a escrever o acompanhava desde pequeno, mas sua realidade constantemente impunha obstáculos.

O relato de João foi muito emocionante. Com lágrimas nos olhos ele contou do sofrimento que passou com sua família por não ter o que comer. A vida difícil não abalou a dignidade, e os ensinamentos de seus pais não foram esquecidos. A dura realidade foi dando lugar a outra, cheia de esperanças, quando em 1980, ele ficou “livre” do trabalho escravo. A partir desse dia, o sonho de ler e escrever, adormecido por tantos anos, voltou à tona. Aos 56 anos de idade, João tomou coragem e foi à escola para se matricular.

Em fevereiro de 2011, João começou a estudar e o seu maior sonho se tornou realidade. Seu novo objetivo é completar, ao menos, o Ensino Médio. O empenho em concretizar esse objetivo é o que o motivará a não desistir e persistir naquilo que almeja.

O significado de ler e escrever para João é de suma importância. “A pessoa que não sabe ler e escrever é “cega”, diz. A cegueira, para ele, está atrelada à impossibilidade de realizar tarefas simples, cotidianas e que dependem de terceiros para serem executadas. De acordo com Galvão; Di Pierro (2007, p. 24):

Os sucessivos constrangimentos e experiências de discriminação levam à corrosão da autoestima dos indivíduos, que acabam assumindo a identidade deteriorada e assimilando ao próprio discurso as metáforas depreciativas formuladas pelas elites letradas e difundidas pelos meios de comunicação social [...] dentre as quais a mais recorrente é aquela que identifica o analfabetismo à “escuridão”

³ Caminhões que transportavam pessoas da região Nordeste do Brasil para os grandes centros urbanos do país.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.29869

da "cegueira", o analfabeto ao "cego", e a alfabetização à redentora "retirada da venda dos olhos" e saída das "trevas da ignorância".

O discurso de João é socialmente construído de que aqueles não dominantes do código escrito estão "cegos" e precisam "retirar a venda dos olhos" para poderem ser considerados cidadãos. É uma fala que demarca a reprodução de estigmas e que serve apenas para depreciar e desmotivar os sujeitos.

A autonomia foi uma busca de João. Por muitas vezes, ele se sentiu "incapaz" e "impotente" diante das pessoas. O não domínio da leitura e da escrita o afligia e a vergonha de estar analfabeto o destruía por dentro.

Preencher formulários, cadastros, retirar extratos em banco, sacar dinheiro, depositar cheques, entre outras tarefas rotineiras, eram um "martírio" para João. A falta de estudo criou em João a ideia de "cegueira". Passou a acreditar que não era "capaz" de realizar tarefas cotidianas por ter de, constantemente, pedir ajuda a terceiros. Essa condição de "dependência" gerava sentimentos de "inferioridade". João não tinha consciência de sua capacidade para buscar estratégias de sobrevivência. Nesse sentido, Galvão; Di Pierro (2007, p. 26) esclarecem:

Esses sentimentos não impedem, entretanto, que os jovens e adultos pouco escolarizados desenvolvam estratégias bem-sucedidas de sobrevivência em ambientes urbanos letrados, mediante a utilização de capacidades como a observação, a oralidade, a memória, o cálculo mental e, sobretudo, acionando as redes de sociabilidade e apoio de familiares, amigos e colegas para resolução de problemas cotidianos.

Na sociedade da cultura escrita, os sujeitos necessitam elaborar estratégias de sobrevivência para realizarem práticas sociais que exigem o conhecimento da leitura e da escrita. A leitura tem um significado social na vida dos sujeitos. Portanto, não há alternativa que não seja "dar um jeito" para pagar as contas, sacar dinheiro, fazer depósitos, fazer compras etc. João negou inconscientemente essas habilidades comuns aos sujeitos, dominantes ou não do código escrito, por valorizar apenas qualquer possibilidade mediante seu retorno para o contexto escolar. Para João, as coisas só mudaram quando ele começou a estudar. Ele se sentiu mais confiante e independente. Passou a realizar seus compromissos com autonomia, e o sentimento de inferioridade deu lugar ao de autoconfiança, embora fosse plenamente capaz de executar tarefas cotidianas, das quais não tinha consciência.

João mencionou o desejo de escrever um livro sobre seu pai:

Quando eu tiver mesmo legal, a minha letra, quero escrever um livro sobre o meu pai, porque meu pai foi muito importante. [...] Eu fico emocionado porque meu pai... nós passamos fome todos juntos e ele

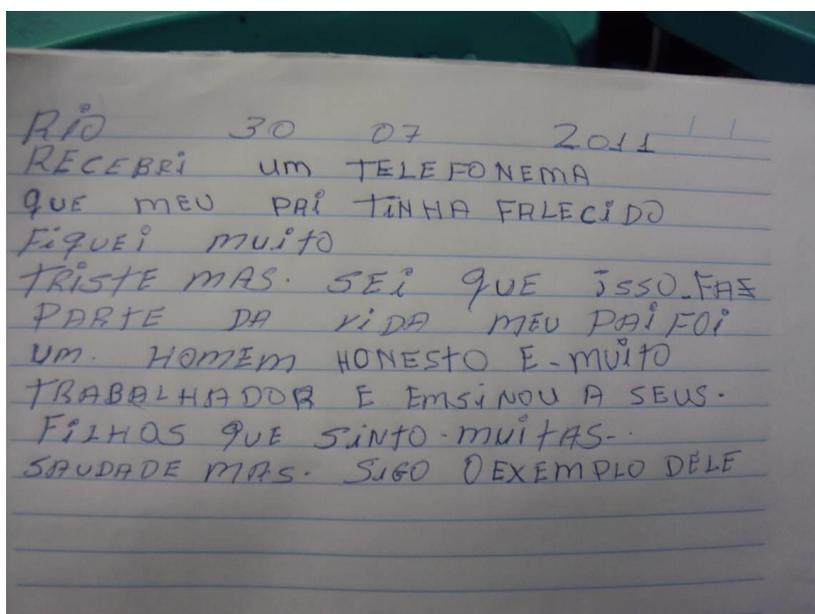


DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.29869

ficava sentado no chão e falava pra gente: "Meu filho, eu não quero que você roube, não quero que você pegue nada de ninguém. Quando uma pessoa der uma coisa pra você, você fala pra gente, porque ser pobre não é defeito, a pessoa ser pobre não é doença e a pessoa ser honesta é a melhor coisa do mundo". Isso eu guardei do meu pai.

Ele ainda complementa: "[...] Meu pai faleceu dia 30 de junho de 2011, fiquei muito triste. Aí eu tenho um caderno anotado, data, dia, hora (choro e emoção) tudo... tudo que eu tinha era o meu pai".

Figura 1: Caderno de João, registro sobre o pai



A admiração que sentia pelo pai seria retratada por escrito e uma homenagem para o seu maior exemplo de vida seria feita. Para conquistar esse objetivo, relatou que se dedicaria aos estudos. Continuaria estudando em casa, lendo jornais, livros, escrevendo até ficar com a caligrafia bonita e utilizando a internet.

João afirmou que aprender a ler era fácil e que bastava apenas "deixar a vergonha de lado". Para que ele tomasse o primeiro passo, ir a uma escola precisaria de coragem e não atribuir tanta importância aos olhares e comentários preconceituosos das pessoas. Depois de vencidos o sentimento de vergonha e o preconceito de si mesmo e de terceiros, o aprender a ler não fora complicado:



Não. Não é difícil não. É só a pessoa deixar a vergonha por um lado. Porque o que machuca a pessoa é não saber ler. Olha, eu vou te falar um negócio pra você aqui, eu passei uma vergonha tão grande... porque eu cheguei num banco, não posso falar o nome do banco porque senão não pega legal, mas eu passei uma vergonha no banco porque eu ganhei cinco mil reais da firma que eu trabalhei. Então, ela me deu um cheque. Então, quando eu cheguei lá... o que é que você tem que fazer? Assinar o depósito. Tem que assinar o seu nome em cima do depósito e depositar, né? Aí a mulher ficou olhando pra mim: "Esse cheque é seu?" "É, por que?" "Mas cinco mil reais?" "Por quê? Cinco mil reais é dinheiro?" "Não". "A senhora vai depositar. Eu tenho uma conta aqui no banco". "O senhor vai no caixa e tira o extrato". Aí eu falei com ela: "mas eu não sei mexer nesse negócio de extrato".

[...] Aí depositou o cheque e depois de três dias eu fui perguntar pra mulher: "Senhora, aquele dinheiro que eu já deposei já está na minha conta?" "O senhor vai naquele caixa e tira o extrato". "Mas eu não sei tirar". Então a senhora foi lá comigo. "Não, eu não posso mexer, ver a sua senha". Aí eu falei pra ela: "Poxa, mas eu deposei esse dinheiro! Como é que vou sacar esse dinheiro? Alguém tem que ajudar! Como é que eu faço?" "O senhor procura o seu gerente". Eu falei: "Eu pensei que a senhora era o meu gerente senão eu não tinha aberto a conta, né?" Quer dizer, ali eu passei esse negócio, fiquei chateado com aquilo ali... aí eu vinha pelos colégios de tarde e ficava olhando, largava o trabalho, botava a minha mochila nas costas e vinha pro colégio. Ficava... "será que eu vou conseguir, meu Deus!?" E consegui, e hoje tô feliz.

O modo de agir, o olhar e o falar da atendente da agência bancária, como narrados por João, caracterizam o retrato preconceituoso da sociedade, perante o sujeito com pouca ou nenhuma escolaridade. João descreveu outra situação constrangedora que "feriu" a sua autoestima na época:

[...] Eu nunca tinha andado de avião, aí me deu vontade. Eu fui no Aeroporto e tinha que preencher aquele *check-in* na época, a pessoa fazer e entregar eles lá. Aí eu comprei, a mulher mandou eu preencher. Aí eu fui e falei com ela assim: "Não tem como a senhora preencher, que eu não sei?" "O senhor tem documento?" Eu falei assim: "Tenho". "Então me dá que eu preencho". Mas aquilo ali ficou me doendo, aquela dor dentro de você. Você querendo botar ela pra fora, mas não tem como, você não sabe... tem que depender. Aí, eu arrumei uma namorada na época e ela sabia ler muito. "Aí, você sabe ler?" "Não, eu não sei não". "Eu vou te ensinar". "Então, tá legal". Dessa namorada, me casei com ela e, em casa, ela me ensinava. Na época que ela ganhou nenê, eu fiquei oito dias em casa, na época.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.29869

Ela na cama mesmo, ensinando. Eu ia, comprava o jornal, aí eu lia, mas ela lá me ensinando tudinho o que era e o que não era, previsão do tempo, que eu gostava de ver... eu ficava ligado naquilo ali, mas não conseguia entender o que era aquilo ali. Previsão do tempo era o que mais eu tinha vontade de aprender, mas hoje eu olho e sei tudo.

Essas foram algumas situações constrangedoras passadas por João. Ele mencionou que o sentimento de inferioridade que sentiu chegou a “doer por dentro” e aquela dor só pôde ser posta para fora quando ele se sentiu capaz e menos dependente.

As atividades de leitura e escrita propostas pela professora agradavam a João, e principalmente, as de matemática: “Eu gosto muito de matemática. Matemática... e eu gosto muito de Língua Portuguesa, porque a Língua Portuguesa ensina muita coisa à gente. Tem coisas que eu nunca pensei em saber na minha vida e hoje eu sei”. Para João, as leituras e as escritas de todas as matérias proporcionavam novos aprendizados. Todas tinham o seu valor e seriam úteis para a vida toda. Ele não se contentava em ler e escrever somente na escola. Lia e escrevia em casa porque gostava e, também, para acelerar o seu desenvolvimento na leitura e na escrita.

Todos os dias comprava jornal, lia notícias, navegava pela internet, escrevia e-mail para sua irmã do Nordeste, assistia à televisão, lia poemas e gostava de praticar a leitura. Selecionava o que sentia vontade de ler, o que mais agradava e “mergulhava” nas palavras. Compreendia o que era lido e lia assuntos que o interessavam. A leitura tinha sentido para ele.

Ao se referir à escrita, atribuiu sua dificuldade pelo fato de ser canhoto e por ter o braço quebrado. Sente dores quando escreve e treme muito. Por esses motivos, o ato de escrever não é tão prazeroso quanto o ato de ler. São condições que dificultam o aprendizado da escrita e o impedem de todos os dias estar escrevendo, apesar de fazer esforço e se exercitar.

Comentou sobre o desejo de ser professor de matemática e que ensinar o fazia se sentir “importante”:

Olha, o meu sonho na minha vida é ser um professor, porque eu acho que ser um professor é a pessoa mais importante que tem na vida, um orgulho de ensinar outra pessoa [...] hoje mesmo aconteceu comigo, uma mulher passou mal e chegou pra mim: “Poxa, eu nem sei ligar no telefone que eu tenho aqui na mão”. “Me dá o telefone da senhora que eu ligo”. Ela me deu o número e a filha dela atendeu e eu falei: “Olha só, a sua mãe tá aqui e não tá passando bem aqui na porta de um estabelecimento de álcool, tem como você vir aqui?”. Aí eu dei o endereço a ela e quando ela chegou me agradeceu. Aí, eu me senti tão importante com aquilo ali que o meu sonho era ser um

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.29869

professor mais importante, mas tá bom. Quem sabe, eu não seja um professor de matemática?

João, ao se sentir “importante” por poder prestar uma informação, demonstra a associação que faz entre a ação de informar e a ação de ensinar, que vincula a um professor. Fora privilegiado por poder ajudar e recebera o agradecimento pelo seu gesto.

TRAJETÓRIA DE VICENTE: “QUANDO VOCÊ SABE LER E ESCREVER, VOCÊ TEM MAIS”

Nascido em 1943, em Mogovolas, Província de Nampula, região norte de Moçambique. Tornou-se professor em 1965, após ter concluído a 4ª classe do sistema colonial de ensino em Moçambique. Inicialmente, trabalhou como carpinteiro, arte que aprendera na escola como parte integrante do processo educacional. Entretanto, sua paixão pela educação levou-o a se dedicar exclusivamente ao professorado, usando apenas as suas habilidades de carpintaria no processo de ensino e aprendizagem de seus alunos.

A trajetória de Vicente é um dos exemplos de como alguém se tornava leitor, escritor e professor na década 1960 em Moçambique. Visto como referência em sua aldeia, uma vez que o sistema vigente de educação na época era excludente. Ele revela que não teve curso de formação de professores e por esse motivo ele, como tantos outros contemporâneos, formara-se quase como “autodidatas”, aprendendo na prática do cotidiano.

Em nossa conversa, ele começa por se apresentar como “um homem de três idades e três nomes”. Esclarece que o nome oficial na identidade é *Vicente*; o segundo é *Novilela*, expressão usada para se referir a um indivíduo órfão (pobre) em sua na língua materna. Aqui, pobre não é apenas o que não tem bens, mas é sobretudo o que perdeu rede de relações familiares, escreveu Mia Couto (2013), e o terceiro, *Tau-tau*, som dos castigos que sofreu pelo seu professor durante o processo de aprendizagem. Cabe dizer que, enquanto atuou como professor, adotou a mesma postura opressora para se impor, pois entendia que desse modo asseguraria o respeito e manteria a ordem em sala de aula. Quando se aposentou, a sua visão mudou. Refletiu sobre a sua postura e percebeu que era repetição do que vivera e que era para conquistar respeito e domínio de turma

Para as idades, explica que há três datas de nascimento:

Nasci em *1943*, mas no meu bilhete de identidade e cédula pessoal, consta que nasci em *1950*; ao passo que no tempo de batismo que ocorreu em *1959*, registraram-me que nasci em *1947*. Portanto, essas são as minhas idades: uma de nascimento, registrada na memória da minha família; outra de batismo, registrada pela igreja e



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.29869

outra ainda de registo oficial, realizada pelo governo colonial português (VICENTE).

Com a opressão colonizadora portuguesa, tudo era difícil, mas em 1950, já frequentava escola de *Nanthira*⁴, com mais ao menos 7 a 10 anos de idade. Em 1953, então fundaram a escola de *Vacarreira*⁵ e por isso, fazia sentido afirmar que o seu nascimento ocorreu em 1943, como afirmara Vicente: “A pessoa que ouve esta minha história deposita confiança e acredita em mim. Veja só, nos documentos oficiais têm o registro de que nasci em 1950, mas o histórico escolar declara que em 1950, já frequentava uma escola”. Quanto ao processo de apropriação de leitura e escrita, Vicente lembra que:

Eu aprendi a ler e escrever como uma exigência do meu professor que nos pressionava a escrever na ardósia [silêncio]. As primeiras palavras que eu escrevi, eram conhecidas como palavras monossilábicas. Por exemplo, pai, mãe, tio, etc. O uso dessas palavras na aprendizagem inicial era para facilitar as leituras.

O interessante de todas as palavras lembradas pelo memorialista Vicente estão ligadas às pessoas, afetos, relações familiares mais próximas com as quais tem um carinho especial. De alguma forma, o recurso a essas palavras facilita a memorização, por ser não só de fácil pronúncia e escrita, mas e, principalmente, por se tratar de substantivos que se referem às pessoas com quem tem relação mais próxima e de contato cotidiano, pelo menos nos primeiros anos de vida humana. Concordando com Lahire (2011, p.14), ao afirmar que a família é base, “através da qual cada indivíduo aprende a descobrir o mundo social e a encontrar o seu lugar, é o primeiro espaço (primário) que tende a estabelecer objetivamente – sem o saber ou pretender – os limites do possível e do desejável”.

A pessoa, para aprender a ler e a escrever, primeiro tinha que dominar o alfabeto da Língua Portuguesa. Para tal, o professor orientava a divisão de grupos e em cada, colocava uma ardósia⁶ e selecionava um líder que dominasse aquelas letras alfabéticas para orientar os outros.

A organização em grupos sugere laços de proximidade e uma relação menos formal e rígida. Parece ser uma opção mais produtiva e que funcionava bem. Depois de aprender devidamente no grupo, o professor mandava ler no quadro aquelas palavras em sílaba. Vicente usava essa tática de grupos de colegas e vizinhos para aprender, pois os grupos do seu tempo já tinham ultrapassado essas dificuldades da leitura e escrita, mas havia outros alunos que demoravam bastante para aprender. Nessa época “utilizávamos ardósia ou casca de árvore, escrevendo com carvão”. Em

⁴ Nome local de uma das aldeias do Distrito de Mogovolas, Província de Nampula, em Moçambique

⁵ Nome outra aldeia de Mogovolas.

⁶ Quadro-preto pequeno ou simplesmente um retângulo feito de madeira, usada na escrita em que o texto ou os números são feitos com giz ou outros marcadores apagáveis.

DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.29869

casa, “não tínhamos muito tempo porque já havia tarefas definidas na família, principalmente atividades domésticas”, pois, “ajudávamos muito os nossos pais nas suas atividades”, além de que em casa não havia condições materiais para aprender a ler e escrever.

Em geral, Vicente exercitava a escrita com palavras consideradas “difíceis”. Por exemplo, *verdadeiro*. Para ele, esta palavra era difícil de ser pronunciada devido à interferência linguística de sua língua materna – *makhuwa*⁷ com a Língua Portuguesa. Há uma confusão na pronúncia das letras “D” e “T”, pois na palavra verdadeiro, a letra “D” é substituída pela letra “T”, o que não ocorre na escrita, já que a palavra permanece sem confusões e alterações. Vale ressaltar que há casos em que a interferência linguística ocorre tanto na pronúncia quanto na escrita. Ao invés de verdadeiro, pronuncia-se e escreve-se “vertateiro”.

Então, Vicente a pronunciava e a escrevia cinco vezes: “verdadeiro, verdadeiro, verdadeiro, verdadeiro” para exercitá-la. Em seguida, exercitava a palavra cativoiro que se pronunciava “cadiveiro”. Ele a repetia novamente, cinco vezes: “cativoiro, cativoiro, cativoiro, cativoiro, cativoiro”, pois se tratavam de palavras “difíceis” de serem pronunciadas naquela época. O grupo realizava os exercícios de escrita e leitura em casa para evitar que o professor, quando solicitasse um deles para escrever no quadro uma palavra, não cometesse erros e por isso, escreviam cinco vezes cada palavra nova. Tais desafios de leitura e escrita serviam para evitar a escrita com erros. Portanto, “as palavras de difícil pronúncia, eram as que mais levávamos a casa para treinamento. Não tinha preguiça de escrever mesma palavra repetidas vezes”.

Aquele que demonstrasse preguiça na escrita recebia castigo. O professor batia nas costas e nas mãos dos alunos com um pedaço de madeira. No relato de Vicente, a sonoplastia dos castigos era “tau-tau” (risos), isto é, representava dois movimentos consecutivos de castigos para cada erro. Em casa, a lembrança dos castigos físicos e psicológicos que oprimiam os alunos e que os obrigavam a realizar as atividades de casa por medo do “tau-tau” novamente.

No tocante aos sentidos da leitura e da escrita na sua vida cotidiana, Vicente cita o exemplo de uma senhora que estava em sua casa durante a entrevista e destaca que ela tem dois filhos, um dos quais ele chama de “Barrigudo”, que frequentemente apoia a sua mãe em tudo e o outro, chama de “Panhonho⁸” por não apoiá-la em nada. Ele considera que o “Barrigudo” ajuda pela sua escolarização porque está empregado, resultado de sua dedicação na escola. “Não é falar mal”, diz Vicente, mas, “é verdade, a escola nos retira algumas limitações trazendo outras possibilidades”, principalmente, “quando você sabe ler e escrever alguma coisa, você tem mais horizontes”.

⁷ Nome de um dos povos do norte de Moçambique e da sua respectiva língua.

⁸ Termo popular, geralmente usado no sentido pejorativo para se referir alguém que não faz nada, preguiçoso, que não presta, dependendo do contexto



No caso de Vicente, foi preciso um “empurrão” (no sentido de obrigação) para ir à escola, até se habituar a não ser empurrado. Esse processo durava um ou dois meses até ir à escola normalmente.

Nós, fomos ensinados a derrubar árvores, fazer pastas, esteiras, tulha (casca de árvore grande) para fazer saco com os quais armazenávamos as coisas. Isso eu aprendi na escola. Em casa, “papá”, não tinha tempo para nos ensinar tudo. Além de que perdi o meu pai e a minha mãe cedo. Por isso, me chamavam de pobre e o meu nome passou a ser *Novilela*, que quer dizer pobre em minha língua nativa, *makwua*. Essas são minhas lembranças do tempo de escola.

Portanto, por saber ler e escrever o seu nome, ao invés de ser *Novilela*, que significa ser pobre, Vicente passou a ser conhecido por “Senhor Professor”. O reconhecimento de ser um leitor e escritor:

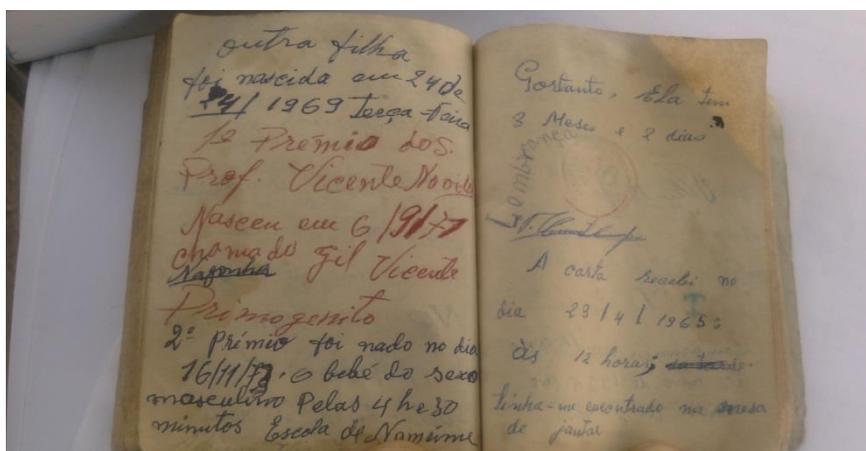
ajudou-me bastante, porque este tempo aqui eu já teria sido “enterrado na cova”. Teria morrido, pois, já estive numa situação em que se eu não soubesse ler, teria consumido remédios errados quando uma vez cai doente. Isso meu filho, [silêncio] eu nunca contei a ninguém, mas não esqueço. Veja bem, por ter estudado, e saber ler escrever, entrei num parque de educação em que a pessoa deve aprender a higiene, porque [...] por mais atenta que seja a pessoa, se não cumprir as regras básicas de higiene pessoal e coletiva morre cedo. Apanha uma doença, em que essa doença não lhe deixa perto, morre. Então uma pessoa que sabe ler e escrever, está em alerta pelas informações que circulam sobre doenças que estão por vir e as medidas de prevenção. Por exemplo, eu durante a semana passada e esta semana, estou muito falido. E antes de ontem, encontrei-me com um enfermeiro conhecido, pedi que me comprasse água oxigenada e outro remédio para cuidados familiares. Portanto, ele deu-me um litro de certeza selado, e aquela água oxigenada que me vale mais, mesmo na parte familiar, minha mulher, meus filhos, basta pegar uma agulha, meter seringa, pronto eu corro para lá para resolver aquela enfermidade que aconteceu, pronto passa logo. Eu faço isso porque aprendi com a vida, quando não tínhamos médicos ainda, hoje leio percebo algumas coisas e cuidados a ter com os diferentes remédios.

Ao relatar sobre a escrita afirmou que “ocupa um lugar importante em sua vida” por trazer à memória a sua história de vida. Pontua, também, a necessidade de conhecer as leis e os seus direitos:

Então, posso afirmar que a escrita ocupa um lugar importante na minha vida. Tem pessoas que não conhecem as leis porque não sabem ler nem escrever, esses perdem seus direitos, sem saber. Agora, seria bom que o governo olhasse essa parte, para termos as leis básicas também escritas nas nossas línguas nativas. Conheço muita gente que sabe ler e anotar algumas coisas nas nossas línguas moçambicanas. Outro elemento importante, é que eu consigo anotar acontecimentos importantes que passam na minha vida. Nesse sentido, a escrita me ajuda a lembrar de coisas que eu anotei há algum tempo e que eu tenha esquecido. [...] recorro ao meu registo para recordar. Portanto, a escrita me faz lembrar aquela coisa que li ou vi, uso mais a escrita para escrever minhas memórias para nunca mais esquecer aquela palavra importante.

Para registros dos acontecimentos marcantes de sua vida e da família, Vicente usa um caderno vermelho antigo. Ele considera que a escrita modificou profundamente a sua autoestima, pois, não é mais considerado analfabeto como o eram considerados os seus pais.

Figura 2: Caderno de Vicente, registro sobre nascimento dos seus filhos



Acho que teria dificuldades de me relacionar com pessoas que já sabem ler e escrever, além de que continuaria a ser chamado de analfabeto como os meus pais eram considerados, mas também teria dificuldades de resolver alguns problemas inerentes a minha família e da comunidade em geral. Hoje intervenho e entendo as coisas do mundo em geral sem recorrer tudo a outras pessoas para me explicar o que é uma coisa e o que é outra coisa (VICENTE).

Segundo Vicente, o domínio da leitura e escrita



redefine a nossa trajetória de vida. Hoje, graças a esse domínio da leitura e escrita posso viajar por todo canto do país fazendo os meus negócios a vontade. Não preciso de ninguém para me traduzir da minha língua materna para português vice e versa, faço todas negociações pessoalmente dos meus produtos agrícolas que produzo. Para me movimentar na cidade, basta ler a placa do "chapa-cem"⁹, já sei qual é o transporte que tenho de subir para chegar ao meu destino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar, gostaríamos de explicitar o privilégio de entrevistarmos dois sujeitos com histórias de vida tão marcantes. Apesar de pertencerem a contextos totalmente distintos, brasileiro e moçambicano, os sentidos atribuídos à leitura e a escrita se aproximam. Lemos as narrativas separadamente e as correlacionamos em busca de possíveis elementos de diálogo sobre práticas de leitura e escrita na vida cotidiana e no espaço escolar.

Os relatos revelam que o aprender a ler e a escrever é importante para realizar tarefas simples e diárias. No decorrer do texto, João demonstrou o incômodo de tentar realizar um depósito em cheque no banco e de preencher o *check-in* para seguir viagem. Em ambas as situações, ele se sentiu "menor" por solicitar ajuda. A dependência "doía por dentro", porque ele queria ter autonomia suficiente para fazer depósito e preencher documento. Vicente também gostaria de ser mais autônomo. Dessa maneira, não precisaria pedir ao enfermeiro para comprar a água oxigenada, conseguiria ler o nome do medicamento sem temer e ler todas as placas.

Para Vicente "A pessoa que lê e escreve tem mais horizontes" e para João "A pessoa que não lê e escreve é 'cega'", ou seja, eles compreendem o domínio do código escrito como fundamental para o exercício da cidadania. Entretanto, trata-se de discursos socialmente construídos que geram sentimentos de "inferioridade". Nesse sentido, Galvão e Di Pierro (2007) problematizam tais discursos e esclarecem que a "identidade deteriorada" pelos próprios sujeitos, está enraizada em "metáforas depreciativas" das "elites letradas".

Diariamente estão expostos a situações constrangedoras devido ao preconceito refletido nos modos de agir, nos olhares e nos comentários. Vicente chega a dizer que talvez "tivesse dificuldade de se relacionar com pessoas que soubessem ler e escrever", porque seria rotulado de "analfabeto" assim como os seus pais. A dificuldade de se relacionar com sujeitos dominantes do código escrito está entrelaçada com o sentimento forte de rejeição, pois os seus pais também foram rotulados de forma depreciativa. Evitar aqueles que representam estigmas

⁹ Expressão popular usada para designar um transporte semicoletivo de passageiros em Moçambique.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.29869

excludentes foi a maneira que Vicente encontrou de não se sentir ainda mais inferiorizado. Já João cita exemplos de situações corriqueiras em que se sentiu envergonhado pela sua condição de não dominante do código escrito. A forma como fora tratado provocou sentimentos de frustração e incompletude, pois ficou incomodado de não ser socialmente valorizado.

Apesar dos relatos apresentarem visões estereotipadas sobre os que possuem pouca ou nenhuma escolarização foi possível observar que eles se reconheciam como leitores e escritores, mas não tinham essa consciência. Em muitos momentos, as representações de "menoridade" foram ditas pelos próprios sujeitos que as incorporaram e legitimaram. Porém, em outros momentos, esclareciam que ao longo de toda a vida passaram por situações de aprendizagem no dia a dia e na escola.

Na vida cotidiana, João trabalhava em obra e também, como carregador de ferro velho, ofícios aprendidos para a sua sobrevivência. Vicente aprendeu o ofício de carpinteiro, tornou-se professor e ensinou o que aprendera para muitos sujeitos. E no espaço escolar, João reconhece que aprendera a ler, que a escrita está em evolução e que o aprendizado formal facilita a vida: "hoje eu vou no banco, tiro o meu extrato, eu faço pagamento, já sei... não sei escrever direito, mas já sei ler, já aprendi muito". Vicente afirma que "graças a esse domínio da leitura e escrita não preciso de ninguém para me traduzir da minha língua materna para português vice e versa. Para me movimentar na cidade, basta ler a placa do "chapa-cem"¹⁰, já sei qual é o transporte que tenho de subir para chegar ao meu destino".

Demonstram satisfação por conquistarem o conhecimento da leitura e escrita formal. "Hoje intervenho e entendo as coisas do mundo em geral sem recorrer tudo a outras pessoas para me explicar o que é uma coisa e o que é outra coisa" (VICENTE) e "Quando eu estiver mesmo legal, a minha letra, quero escrever" (JOÃO).

Por fim, consideramos relevante o presente trabalho por assentar-se em duas histórias de vida que representam os sujeitos atravessados pelo escrito se apropriam de práticas de leitura e escrita em seu cotidiano, e, ao mesmo tempo, na escola, e se formam como leitores e escritores. Portanto, é a prática social que faz o sujeito ler e escrever pela possibilidade de contato com pessoas que leem e do acesso aos meios de cultura escrita.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?: e outras intervenções*. São Paulo: Companhia de Letras, 2011.

¹⁰ Expressão popular usada para designar um transporte semicoletivo de passageiros em Moçambique.



DOI: 10.12957/e-mosaicos.2018.29869

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2003.

GALVÃO, Ana Maria de O. , DI PIERRO, Maria Clara. *Preconceito contra o analfabeto*. São Paulo: Cortez, 2007.

KALMAN, Judith. O acesso à cultura escrita: a participação social e a apropriação de conhecimentos em eventos cotidianos de leitura e escrita. p. 72-95. In: OLIVEIRA, Inês, PAIVA, Jane (orgs.). *Educação de jovens e adultos*. Rio de Janeiro: DP et alii, 2009.

LAHIRE, Bernard; Tradução: Pascoal Carvalho: A transmissão familiar da ordem desigual das coisas. In: *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXI, 2011, pág.13-22.

MAZZOTTI, Alda Judith A., GEWANDSNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Ed. Pioneira, 1998.

Recebido em 03 de agosto de 2017.

Aceito em 27 de outubro de 2017.